



A teia agora é em preto e branco, com a elegância de Nicolas Cage, dublado por Márcio Simões

Fotos/Prime/Divulgação e Amazon Content Services

Radiação com o charme de Humphrey Bogart

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Derivada de uma linha editorial mais adulta (e estilizada) da Marvel Comics, criada em 2009, a série “Spider-Noir”, recém-chegada (mas já muito bem instalada) na Prime Video da Amazon, dá um tratamento visual e dramático nostálgico, à la Humphrey Bogart, à versão alternativa do Homem-Aranha concebida por David Hine e Fabrice Sapolsky, com desenhos do italiano Carmine Di Giandomenico. A primeira HQ saiu nos EUA há 17 anos, ambientando o universo de Peter Parker numa Nova York sombria da Grande Depressão.

Em vez do fotógrafo nerd que vira herói depois de ser picado por um aracnídeo radioativo, o vigilante aqui é Ben Reilly, olho-vivo do ramo dos detetives, numa Nova York recém-saída da Grande Depressão, que tem um titã do cinema, Nicolas Cage, no papel principal.

Ganhador do Oscar por “Despedida em Las Vegas”, há 30 anos, o ator, cujo nome real é Nicolas Kim Coppola (sim... ele é parente de Francis Ford... é sobrinho do cineasta), é um fã assumido das artes gráficas e trabalhou com elas em “Kick-Ass” (2010) e nas animações “Aranha-Verso” (2018-2023).

Série do momento da Prime Video, ‘Spider-Noir’ marca a entrada do oscarizado Nicolas Cage na dramaturgia das plataformas digitais, com base em HQ mais adulta da Marvel

No Brasil, a saga desse Aranha encapotado e de chapéu foi publicada inicialmente pela Panini Comics, reunida em encadernados dedicados ao filão noir dos quadrinhos marvetes. O seriado mergulha no imaginário dos policiais expressionistas dos anos 1940 e 1950, acompanhando uma versão envelhecida e desencantada de Ben Reilly, com Cage dublado por Márcio Simões.

A produção dialoga diretamente com clássicos como “Relíquia Macabra” (“The Maltese Falcon”, 1941), “Pacto de Sangue” (“Double Indemnity”, 1944), “Casablanca” (1942), “O Terceiro Homem” (“The Third Man”, 1949) e “Jejum de Amor” (“His Girl Friday”, 1940), além de cruzar referências de screwball comedy com o universo dos super-heróis.

Em conversa com jornalistas internacionais, incluindo o Correio da Manhã, o criador dessa adaptação serializada para o audiovisual (showrunner, como se diz no jargão televisivo), Oren Uziel explicou que a série nasceu da mistura entre os quadrinhos e o cinema noir clássico.

“A gente pegou elementos dos quadrinhos e dos filmes noir para construir uma história longa em oito episódios”, afirmou. Segundo ele, a proposta era transformar uma narrativa curta das HQs numa experiência sensorial live action mais densa e emocional.

Responsável pelos roteiros de “Spider Noir”, Uziel confiou à direção a quatro cineasta: Harry Bradbeer, Alethea Jones, Nzingha Stewart e Greg Yaitanes. O produtor



Li Jun li faz a versão da famosa Gata Negra